

“O ENTRECruzAMENTO DA HISTÓRIA E DA FICÇÃO”, CONSOANTE PAUL RICOEUR, EM *A CABEÇA DO SANTO*, DE SOCORRO ACIOLI

Vanessa Paulino Venancio Passos

Introdução

A pergunta que advém aos novos escritores ou até mesmo aos leitores a respeito do ato de escrever é: de onde vem as histórias? Qual a inspiração para escrevê-las? Podemos perceber que as histórias podem vir de fatores internos e externos. Cientes de que a literatura proporciona para o escritor certa liberdade quanto à sua produção, sabemos que o ponto de partida de uma história pode estar ligado aos fatores internos de um indivíduo – uma reminiscência, uma lembrança ou uma recordação. Mas também pode estar ligado aos fatores externos – um quadro no museu, uma cena ocorrida no meio de uma praça, ou ainda, uma notícia de jornal. Os dois conjuntos de fatores serão conduzidos pelo fio da imaginação para tecer o desenvolvimento desta história a ser construída.

O romance analisado neste artigo, *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli, publicado em 2014, curiosamente surgiu a partir de uma notícia de jornal. Por sua vez, foi por mesclar fatos históricos com a ficção, que a escritora cearense resgatou o realismo mágico, inspirado em obras de escritores latino-americanos. A obra, apesar de receber bastante elogios, não deixou de apresentar críticas negativas, como o do crítico Luís Augusto Fischer, colunista do Jornal Folha de São Paulo, que considera os personagens da narrativa fracos, além de afirmar que o romance “tenta, mas não alcança gênero fantástico”. Contudo, isso não impede que a obra venha ganhando notoriedade no Brasil e também no exterior, como falaremos um pouco mais na breve biografia da autora.

Sendo assim, *A cabeça do santo* (2014) foi a obra da escritora que nos tocou para que refletíssemos sobre o entrecruzamento da realidade e da ficção, que comentaremos a seguir, tendo por base os conceitos de “ficcionalização da história” e “historicização da ficção” do crítico francês

Paul Ricoeur, com o objetivo de pensar a respeito do processo de criação literária,

Socorro Acioli: uma escritora humana

Socorro Acioli é uma escritora cearense que já escreveu mais duas dezenas de livros, e participa ativamente da vida literária como colunista do Jornal O Povo, palestrante, ministrante de oficinas e minicursos sobre criação literária, tradutora, entre outras atividades. A autora está prestes a lançar o livro *A história que só você pode contar*, uma transcrição de um curso sobre escrita criativa que a autora vem ministrando desde 2013. Nessa estrada árdua em que a autora cearense vem se solidificando, não há espaço para arrogância ou prepotência. Recentemente, ao se referir ao Ateliê de Escrita criativa ministrado por ela, Socorro escreveu em sua coluna do Jornal O Povo um texto intitulado “Para escrever precisamos uns dos outros”. Nela, Socorro Acioli comenta que:

O poeta Antonio Machado disse que não há caminho, faz-se o caminho ao andarr. Esse curso é uma caminhada. Sigo adiante, na missão de guia, pela sorte de ter vivido um pouco mais da trajetória literária e por ter imenso prazer em doar tudo que sei. Estamos todos andando juntos e, no fim das contas, sou a maior aprendiz. (ACIOLI, 2017)

Com essa citação, ela reconhece que ensinar é processo de mútuo aprendizado. Ao invés de se colocar em um patamar superior aos seus alunos, valoriza as trocas de ensinamento, admitindo que a Literatura para ela “[...] é sempre um movimento de encontro.” Em face desse recorte, é que nos propomos a construir uma breve biografia da escritora.

A escritora cearense Socorro Acioli escreve desde os oito anos. Nessa idade, se, por um lado, na escola, incentivaram-na a escrever, quando o diretor motivou a escrita do primeiro livro *O pipoqueiro João* (1984) – publicado pela Nação Cariry Editora –, por outro, diziam para ela que a escrita devia ser encarada apenas como um *hobby* ou passatempo, não como uma profissão séria. Muitos anos mais tarde, em uma crônica para o jornal O Povo, a escritora revela que o diretor da escola entregou um exemplar para Frei Tito, e que as palavras deste sobre sua primeira obra

foram motivadoras para a construção gradual da trajetória literária que Socorro Acioli iria iniciar.

Parou por algum tempo de escrever, mas, na adolescência, retomou com os gêneros carta e diário. Tal influência pode ser vista na obra *A bailarina fantasma* (2010), com segunda edição em 2016 pela Editora Seguinte (Companhia das Letras), em que trechos do livro são contados através do diário de Maria Rosa, a mãe de Clara (a bailarina fantasma), além de conter também trechos com cartas ou bilhetes, de Gabriel, de Maria Rosa ou da própria Clara.

Já adulta, realizou seus primeiros estudos na área de Comunicação Social (bacharelado) com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (2002). Dois anos mais tarde, enveredou para a Literatura, área de seu apreço desde a infância, ao cursar o Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2004). Em seguida, tornou-se Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (2010), tendo como cerne da produção de sua tese o romance *A cabeça do santo*, considerado pela autora o maior projeto de sua carreira.

Socorro Acioli é uma escritora versátil e enérgica, conhecida nacional e internacionalmente, com uma produção intensa que envolve livros infantis, juvenis, ensaios biográficos – *Frei Tito* (2001) e *Rachel de Queiroz* (2003) –, ensaios sobre literatura – *Aula de leitura com Monteiro Lobato* (2012) –, publicação de edições estrangeiras, adaptações e traduções de obras. Em meio a essa produção de quase vinte anos, levando em consideração a data em que a escritora começa a publicar intensamente, houve o reconhecimento através de prêmios: Melhor obra inédita de Literatura Infantil pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SEDUC (2005), Selo Altamente Recomendável – FNLIJ (2006, 2007 e 2008), Prêmio Jabuti, o primeiro lugar na categoria literatura infantil (2013) e Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SEDUC (2010).

Além disso, a escritora ministrou minicursos de escrita no Espaço de Cultura e Arte O Povo em 2016 e ministrou também o Ateliê de Escrita Criativa na Livraria Cultura em 2017.

A escritora solidifica sua produção literária sobre a área infantil, que teve sua estreia com *O pipoqueiro João*, em 1984, seguindo uma recorrência

quase anual de publicações a partir de 2004, com as obras: *Bia que tanto lia* (2004), *É pra ler ou pra comer?* (2005), *A casa dos Benjamins* (2005), *O peixinho de Pedra* (2006), *O anjo do lago* (2006), *O mistério da professora Julieta* (2008), *Tempo de Caju* (2008), *A Rendeira Borracheira* (2009), *A quarta-feira de Jonas* (2010), *Tempo de Caju* (2010), segunda edição, *O moleque de recados* (2012), *Ela tem os olhos de céu* (2012), *Plantou Palavra, Colheu Poesia* (2014) e *Emília: a biografia não autorizada da Marquesa de Rabicó* (2014).

Na área juvenil, publicou: *Vende-se uma família* (2007), *A Bailarina Fantasma* (2010), *Inventário de Segredos* (2010) e republica *A Bailarina Fantasma* (2015), pela Editora Seguinte, Companhia das Letras. Mas é seu romance *A cabeça do santo* (2014) que lhe traz o sucesso internacional com as publicações: *The head of the Saint* (2014), pela *Hot Key Books, London, UK*, *The head of the Saint* (2015), pela *Dellacorte Press, USA* e *Sainte Caboche* (2017), pela *Editions Belleville, Paris, France*.

Recentemente, a *São Paulo Review* publica a notícia intitulada “50 livros para você entender a ‘literatura contemporânea brasileira’”. Nessa notícia, *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli é o oitavo livro da lista, junto de autores, como: Bartolomeu Campos de Queirós, Raduan Nassar, Cristovão Tezza, Silviano Santiago, Adélia Prado, João Gilberto Noll, Milton Hatoum e Lygia Bojunga.

A ideia do livro surge a propósito da oficina de roteiros *Como contar um conto*, ministrada pelo escritor Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel de Literatura de 1982), na *Escuela de Cine y TV de San Antonio de Los Bãnos*, em Cuba. Após várias tentativas em vão de participar da oficina, que era apenas para convidados do escritor colombiano, Socorro Acioli soube através de uma professora que cuidava da oficina que na lista daquele ano (2006) só havia nove participantes, e que sempre o escritor ministrava a oficina com dez. No entanto, a professora orientou que não poderia simplesmente colocar o nome da escritora cearense. A orientação foi que Socorro escrevesse a *sinopse* da história que ela desejava contar, juntamente de uma pequena biografia. Para sua própria surpresa e alegria, ela foi a única brasileira selecionada para a oficina.

Dentre infindas possibilidades de ideias, a escritora optou por buscar uma fonte realista: uma notícia de jornal sobre a história da cabeça de

Santo Antônio que permanece abandonada na cidade de Caridade, há 25 anos. Através de uma narrativa inspirada em fatos históricos, a autora traz à baila elementos religiosos que ajudarão a compor essa ficção com viés fantástico no sertão nordestino. Na obra, o realismo mágico é influência clara da literatura hispano-americana.

A cabeça do santo: uma linha tênue entre a realidade e a ficção

No romance, Samuel, o protagonista, vem caminhando a pé por dezesseis dias, quase moribundo, à procura do pai para cumprir a promessa que fez à mãe Mariinha, antes de morrer. No caminho, depara-se com alguns romeiros que se compadecem com seu estado de calamidade. A ironia é construída pelo fato de Samuel assemelhar-se aos peregrinos, quando, na verdade, ele considera-se ateu e deseja ardentemente matar o pai por ter abandonado sua mãe.

Ao chegar à cidade, abriga-se em uma cabeça gigante de Santo Antônio, a qual ele pensa ser uma caverna. Essa cabeça já havia funcionado de banheiro público e motel. Ela é considerada um espaço execrado por todos, pois, historicamente, possui a fama de condenar a cidade ao desrespeito religioso, já que o corpo de Santo Antônio está no alto do morro, mas sua cabeça abandonada no chão à mercê de vagabundos e forasteiros. A partir de então, Samuel passou a residir nela. Mas é dentro da cabeça que o elemento fantástico aparece, quando o personagem passa a ouvir as orações de mulheres que desejam casar.

Assim, buscaremos neste artigo perceber o “entrecruzamento da história e da ficção”, de acordo com o pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa*, tomo III, (RICOEUR, 2010, p. 310), no romance *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli. Nessa relação entre história e ficção, analisaremos os conceitos de “representância do passado histórico” e a construção do “mundo fictício do texto”, de modo que seja possível observar a transferência desse mundo para o “mundo do leitor”.

De acordo com Paul Ricoeur:

Por entrecruzamento entre história e ficção, entendemos a estrutura fundamental, tanto ontológica como epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam

suas respectivas intencionalidades tomando empréstimo a intencionalidade da outra. (RICOEUR, 2010, p. 311)

Como se pode perceber, esta *confluência* só pode ocorrer se e somente se houver uma *refiguração* mútua entre os procedimentos ligados à história e à ficção, respectivamente. Desse modo, vamos tomar conhecimento dos procedimentos que se unem aos conceitos apresentados concernente à análise da obra da escritora cearense.

Ficcionalização da história

O passado histórico representa a ambientação do romance que parte de um fato real para desenvolver o “mundo fictício do texto”. Esse espaço é a cidade de Candeia, que foi inspirada em Cococi (uma cidade do interior de Manaus com apenas sete habitantes) e em Caridade (uma cidade do interior, em que está localizada a cabeça de Santo Antônio até a atualidade).

Segundo Paul Ricoeur, a problemática não é a falta de simetria entre passado “real” e mundo “irreal”, a questão é mostrar de que maneira o imaginário se incorpora à perspectiva do *ter-sido*, sem enfraquecer sua perspectiva “realista”. Em síntese, não estamos nos referindo a um problema de verossimilhança, ou seja, até que ponto a ficção se aproxima da realidade, mas sim ao fato de que o caráter imaginativo seja usado em prol da reconstituição do passado histórico, sem prejudicar a perspectiva realista. Portanto, o imaginário insere-se no passado histórico devido ao fato de este não ser observável, portanto, é necessário o uso da memória para o resgate dele. Por sua vez, essa memória não é e nem pode ser completamente fiel. Sendo assim, as reminiscências transformadas até certo modo são responsáveis por incluir o imaginário na perspectiva realista do passado histórico.

Sabemos que na obra não é o imaginário que é usado em função da História, entretanto é o fato histórico da cabeça decapitada do Santo Antônio que serve como artifício para a composição do mundo ficcional. Eis a descrição da cabeça:

Quando se virou para observar o lugar onde estava, com a ajuda da pouca luz do sol encoberto, Samuel percebeu que

a gruta onde passou a noite era, na verdade, uma cabeça gigante, oca e assustadora. Uma cabeça de santo. Mesmo coberta de plantas, via-se que o nariz era grotesco, dois buracos enormes, boca pra cima, lábios grossos, fechados, olhos esbugalhados, expressão séria. O globo ocular era o mais assustador: um par de bolas de concreto presas por fios de aço nos olhos vazados. Não era uma cabeça maciça, mas feita de peças simétricas e numeradas com tinta branca. (ACIOLI, 2014, p. 32-33)

A descrição realizada é muito semelhante à imagem da cabeça real, em Caridade. Nesse caso, mesmo que a História no processo de construção do romance esteja a serviço da ficção, há um entrecruzamento de ambos que não pode ser desconsiderado.

Outro conceito que surge por meio dessa discussão é *feito-signo*, que segundo Paul Ricoeur, também viabiliza que o imaginário se interponha na noção de passado histórico, a partir do momento em que uma “[...] coisa presente vale por uma coisa passada.” (Idem, p. 315) Isto é, um objeto do presente possibilita o resgate da memória de fatos anteriormente ocorridos. Dessa maneira, no romance, a cabeça de Santo Antônio funciona como um vestígio para o resgate de um passado histórico da cidade de Caridade. Na obra ficcional, o narrador onisciente justifica historicamente a razão para que a cabeça esteja no chão da cidade, enquanto o corpo se encontra no alto do morro. Vejamos a seguinte citação:

Demorou para que ele conseguisse conter a fúria e fosse controlado pelo povo. O polido e educadíssimo engenheiro descabelou-se todo e queria bater no Meticuloso. Queria matar o homem e só depois ele conseguiu explicar por quê: a cabeça teria que ser montada no alto, já sobre o pescoço da estátua, com a ajuda de uma estrutura de andaimes que estava a caminho. Ele tinha quase certeza de que aquela cabeça, montada no chão, jamais poderia ser levada para o corpo do santo.

Sua suspeita foi confirmada por um técnico trazido do Rio de Janeiro para avaliar o caso. A prefeitura não tinha sequer o dinheiro para a passagem, mas o engenheiro pagou do próprio bolso. Era o preço de salvar a obra que o levaria à prosperidade ou ao fracasso.

Chamava-se Rubens e todos o tinham em alta conta por fazer parte da empresa responsável pela manutenção do Cristo Redentor no Rio de Janeiro. Sua opinião seria definitiva.

Depois de alguns dias de estudos, análises, cálculos e telefonemas, dr. Rubens deu o diagnóstico. Seria impossível levar a cabeça até o corpo. Guindaste nenhum no mundo teria capacidade para tanto peso. A única solução seria fazer uma cabeça nova.

Dr. Rubens foi embora e não conseguiu conter o riso ao ver de longe, o corpo sem cabeça no alto do morro.

– Quanta burrice.

O prefeito não tinha mais dinheiro para a confecção de outra cabeça, a dívida do município era absurda, as parcelas estavam atrasadas e não havia mais credores dispostos a emprestar um centavo que fosse a qualquer pessoa da cidade. A festa de inauguração foi cancelada. A notícia correu de boca em boca, porque o prefeito viajou para a capital e não teve coragem de encarar a população de Candeia. (ACIOLI, 2014, p. 112-113)

Neste excerto, encontramos uma justificativa baseada na História para um fato também histórico: o corpo degolado de Santo Antônio. De fato, pelo peso da cabeça, ela deveria ter sido montada junto do corpo, e não separadamente. Junto a essa informação real, porém, a escritora cearense decide preencher as lacunas dos fatos históricos com a presença do imaginário, atribuindo a culpa a um personagem da história, o Meticuloso, para também dar razões para o seu desaparecimento na história. Depois do erro de construção, ele desaparece, sendo responsável pela desgraça da cidade. Esta citação esclarece a respeito do processo de conformação da desgraça:

O povo que sobrou em Candeia ainda nutria ódio pelo sangue traidor, que não teve forças sequer de evitar que a própria cabeça permanecesse caída no chão, longe do corpo, como um decapitado qualquer. Doía especialmente em quem estava lá no dia da chegada do engenheiro. Se santo Antônio era tão poderoso, por que não tornara possível o impossível: Por que permitira que coisas avançassem até a conformação da desgraça. (Idem, p. 61)

Tal desgraça se deu pelo desrespeito de permanecer com um santo degolado, como um indigente qualquer, sem falar que o crânio oco do santo acabou se tornando espaço para ladrões, vagabundo e forasteiros, como era o caso de Samuel.

No processo de “ficcionalização da história”, o vestígio funciona como resgate do passado histórico quando se consegue, de semelhante modo, resgatar o contexto histórico que permeia o vestígio, que também pode ser um objeto ou uma relíquia. É o que nos explicita Paul Ricoeur:

O caráter imaginário das atividades que medeiam e esquematizam o vestígio se comprova no quadro do pensamento que acompanha a interpretação de um resto, de um fóssil, de uma ruína, de uma peça de museu, de um monumento: só se lhes atribui valor de vestígio, ou seja, de efeito-signo, figurando o contexto de vida, o ambiente social e cultural, em suma, conforme a observação de Heidegger mencionada acima, *o mundo* que, hoje, *falta*, por assim dizer, em torno da relíquia. (Ricoeur, 2010, p. 315-316)

No livro, é construída toda uma contextualização em torno do objeto, da cabeça de Santo Antônio, que poderia ser vista como um vestígio histórico. No entanto, essa contextualização não é construída tendo como base apenas a História. Em contrapartida, a narrativa dá vazão ao aspecto ficcional com a construção de personagens irreais, da própria cidade fictícia conhecida como Candeia e das orações das mulheres que Samuel escuta. Apesar da coerência interna da narrativa, não é dada uma explicação plausível para esta questão, enaltecendo o teor fantástico da obra.

A historicização da ficção

As narrativas ficcionais se valem de narradores para contar suas histórias, seja um narrador homodiegético (narrador-personagem), seja um narrador heterodiegético (narrador onisciente). Assim sendo, de acordo com Paul Ricoeur, o ato de narrar é sempre uma ação no passado. Logo, os tempos verbais na história funcionam como conectores, não para simplesmente marcarem o passado, o presente ou o futuro, mas sim para demarcar que o que está sendo contado é uma narrativa ficcional.

A respeito da ligação entre história e ficção, Paul Ricoeur adverte:

Caso essa hipótese proceda, pode-se dizer que a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia sempre que a quase presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por

uma narrativa animada suprir, por sua intuitividade e sua vivacidade, o caráter elusivo da preteridade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é por isso que se parecem com acontecimentos passados e que a ficção se parece com a história. (RICOEUR, 2010, p. 325)

A semelhança entre ficção e história se dá pelo ato de narrar, em que ambas se inserem. Essa narração, tanto faz ser fidedigna ou não, é realizada sempre no passado. Do mesmo jeito ocorre, em *A cabeça do santo*, quando no primeiro capítulo intitulado de “Caminho”, o narrador apresenta uma descrição de Samuel em sua jornada em direção à Candeia: “Ele não tinha mais sapatos e seus pés, àquela altura, já eram outra coisa: um par de bichos disformes. Dois animais dentados e imundos.” (ACIOLI, 2014, p. 11)

Essa narrativa irreal que é contada num passado, e por isso se aproxima da História, ligando ambos os conceitos, remete à noção apresentada por Aristóteles, em *A poética clássica* (1981), um dos primeiros tratados estéticos que existiram. No livro, Aristóteles afirma que:

Não é um metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta: a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer. (ARISTÓTELES, 2014, p. 28)

Quanto a isso, Paul Ricoeur atribui ao conceito de verossimilhança de Aristóteles a capacidade de abarcar tanto as potencialidades do passado “real” como as possibilidades “irrealis” da pura ficção.

Almejamos que através da breve análise da obra, tenhamos contribuído para o conhecimento do leitor acerca da obra da escritora cearense Socorro Acioli. Mais que isso: que este artigo possa impulsionar novas pesquisas sobre os processos ficcional e histórico, que podem perpassar a produção de um livro.

Considerações finais

Finalizamos este estudo, destacando os pontos que tratam da relação entre história e ficção, os quais são exemplificados pelo romance *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli. Nele, pudemos perceber que a história está em função da ficção, isto é, o mundo “real” existe como gatilho para a construção do mundo “irreal”, ou melhor, “o mundo do texto”, consoante Paul Ricoeur.

Ambas, ficção e história, podem ser vistas de modo comparativo, unidas pelo ato de narrar, e ainda, pela noção de passado que as une. No livro, *Oficina de escritores* (2008), de Stephen Koch, o autor também aproxima a ficção da não-ficção:

Nenhuma coleção de fatos em estado bruto jamais contou, por si só, história alguma. Toda história, seja de ficção, seja de não-ficção, é minerada entre os fatos para depois ser modelada a partir deles. Além disso, nenhuma história, seja de ficção, seja de não-ficção, existe realmente até que seja contada. Essa invenção, em ambos os casos, é uma busca que só o escritor pode empreender. (KOCH, 2016, p. 180)

No trecho do livro, Stephen Koch ressalta que a narração é inerente tanto para à narrativa ficcional quanto à narrativa histórica, em consonância com as ideias de Paul Ricoeur.

Enfim, mesmo com o reconhecimento literário que a escritora possui, poucos trabalhos acadêmicos foram desenvolvidos tendo como base sua obra, sobretudo, *A cabeça do santo*, que é considerado um livro para o público adulto, já que a grande maioria de suas obras é destinada ao público infantil e juvenil. Acreditamos que este artigo possa servir de bibliografia para a pesquisa acerca da escritora cearense.

Referências

ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

KOCH, Stephen. **Oficina de escritores: um manual para a arte de ficção.** Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Trad. de Claudia Berliner São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 3v

Sites

<http://socorroacioli.wordpress.com> (Acesso em 13/03/2017)

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/03/1429246-critica-a-cabe-ca-do-santo-tenta-mas-nao-alcanca-genero-fantastico.shtml> (Acesso em 20/03/2017)

<http://móbile.opovo.com.br/jornal/colunas/socorroacioli/2017/04/para-escrever-precisamos-uns-dos-outros.html> (Acesso em 11/04/2017)